

IDEAL

ORGAN LITTERARIO

ANNO I

Florianopolis, 17 de Junho de 1906.

NUM. 6

O IDEAL
LITTERARIO SEMANAL

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	2\$000
INTERIOR E ESTADOS	
Trimestre	3\$000
PAGAS ADIANTADAMENTE	

REDACÇÃO
Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—Clementino Britto.
Secretario—Godofredo Oliveira.
Thesoureiro—Irineu Livramento.

Os originaes devem ser entregues até terça-feira de cada semana.

O TEU SORRISO

A' CELIA

O teu sorriso é a flor que me embriaga na doce manhã de primavera. E' o nectar delicioso que a inquieta borboleta vae sugar na fragrante e soberba roseira. Nasce no seio virginal coroado de affectos e expira entre dons labios frescos e rosados. Oh! que prazer sinto em minh' alma quando vejo offertares esta expressão meiga e feiticeira! Até os anjos têm ciumes de te ver sorrindo.

O teu sorriso é formação do calice da fidelidade e eleva-se nas vestes do idealismo, indo habitar no bosque da realidade.

O teu sorriso é como o mel com que a açucena embriaga a brisa quando vae beijal-a.

O teu sorriso é como a noite de luar sereno, quando as estrellas se recreiam no firmamento, derramando seus bellos reflexos entre flocos de esmeraldina e poetica atmospheria.

O teu sorriso é a fonte crystalina que deslisa seus effluvios num taboleiro de viçosos e aromaticos jasmíneos, campeados por lestos colibris correndo ao sopro da viração e baptisados na limpidez das aguas.

O teu sorriso é o laço que prende os meus anhelos gravando a eterna e sincera amizade nos reconditos do coração.

Oh! que ventura envolver-me em tu mysterioso sorriso.

Quizera ver-te sempre sorrindo, porque encontro nessa expressão, poesia, encanto e amor.

NERINA

A VOLTA DA PRIMAVERA

A' NERINA

Vem vêr, Nerina, como o céu é lindo, que amenidade, que prazer infindo, ao arrebol!
no mar, na terra, na amplidão celeste, nas galas ricas que a natura veste a luz do sol!

Da esphera azul a limpidez suprema transmite á vida uma doçura extrema, falla de amor!
e das montanhas o perfil airoso, que se retrata sobre o céu formoso, oh! que primor!

Ouves das aves o trinar canoro, e do riacho o murmurar sonoro echôr além?
as borboletas de iriadas cores vês osculando as perfumosas flores? que graça têm!

Canta a cigarra, e a rolinha meiga vai saltitante procurar á veiga, por entre a hera,
o alimento p'ra querida prole que tem por tecto no seu ninho molle a primavera.

Vem vêr, Nerina, como o céu é lindo, que amenidade, que prazer infindo, que goso ingente!
a Primavera em festival desperta, nos roseos braços a Natura aperta fraternalmente!

Junho de 1906. SEMIRAMIS

NOVIDADES.

Passou-se a 5 do corrente o 2.º anniversario da existencia do nosso estimado collega NOVIDADES, organ noticioso que se publica na cidade de Itajahy, sob a habil e competente direcção do nosso intelligente confrade sr. Tiburcio de Freitas, a quem embora tardiamente, abraçamos fazendo os mais ardentes votos para que o NOVIDADES continue a illustrar, por innumerous annos, a imprensa catharinense.

Os nossos collegas A PATRIA, de S. Francisco, NOVIDADES, de Itajahy, EVOLUÇÃO, de Lages e a COMARCA, de Mugy-Mirim (S. Paulo) noticiaram o nosso apparecimento o que agradecemos.

A vida

A vida é breve,
Louçã miragem,
E' triste imagem
De magna e dor;
Hontem risonha,
Hoje, tristonha,
Logo enfadonha
Qual murcha flor!

A vida é breve,
Louçã miragem,
E' triste imagem
De magna e dor;
Vesper errante
Que um peito amante,
N'um só instante,
Traz dissabor!

A vida é breve,
Louçã miragem,
E' triste imagem,
De magna e dor;
A vida é breve
Como a ventura
Que a sepultura
Colheu em flor!

A vida é breve,
Louçã miragem,
E' triste imagem
De magna e dor;
A vida é hymno
Louco, perdido,
Que num gemido,
Soluça—Amor!

Junho de 1906.

INAH

Da nossa disticta collaboradora a gentil senhorita Alcide Netto de Lima, recebemos delicado cartão em que nos agradece as referencias, aliás merecidas, que lhe fizemos por occasião da passagem do seu anniversario natalicio.

CHROMO

Uma bella moreninha
Foi sosinha passear,
Foi ao longe conversar
Com sua bella madrinha.

Porém antes de chegar
A' porteira da chacinha
Da sua velha madrinha,
Um rapaz lhe quer beijar...

Para a casa de seu pai
Ella corre espavorida,
Sempre olhando para traz!

Chega em casa solta um ai,
Mas depois arrependida,
Tem saudades do rapaz!...

1906.

NELSON CUNHA

A ORPHÃ

Em uma villa, que distava alguns kilometros da cidade, existia uma casinha pobre na qual habitava uma viuva que tinha por companheira sua unica filha, uma graciosa joven, cuja tez era clara como o orvalho da manhã, os cabellos louros, olhos azues, emfim, era linda como a Deusa dos Amores!

Esta joven, tão linda como amavel, tinha por habito, á tarde, sentar-se com sua mãe em um banco debaixo de uma frondosa mangueira para ali descansarem das fadigas do dia.

Celina chamava-se a encantadora joven.

Havia momentos que Celina fictava a amplidão celeste e dizia á sua mãe: como sinto tristeza em contemplar a abobada celeste; como tenho indefiniveis recordações de meu querido pae que, tão moço ainda, nos deixou, para entregar sua alma a Deus!

Novamente voltando o olhar para o céu disse: Oh! Deus, vós que sois tão bondoso, porque levastes meu querido pae! Tende compaixão de mim que sou orphã e de minha pobre mãe, já tão cansada de lutar pela vida.

A pobre viuva, vendo a dôr que dilacerava o coração de sua filha, consolou-a com palavras meigas; porém ella também soffria; sim: soffria muito; o seu coração estava dilacerado, mas abafava a sua dor, para não augmentar mais a dôr e a afflicção de sua querida filha, privada para sempre dos carinhos do pae extremoso.

A noite approximava-se.

As duas infelizes retiraram-se para sua humilde vivenda, com o coração enlutado.

Ao entrarem em casa, a pobre viuva prostra-se no leito, muito abatida, ardendo em febre.

Celina, vendo sua mãe n'aquelle estado, dirige-se a estrada, bem distante da sua habitação.

O acaso surprehendeu-a com o encontro de um moço moreno e de porte airoso.

Celina, sem conhecê-lo, pede para chamar um medico, para socorrer sua pobre mãe, que está na ultima agonia.

O moço attentiosamente foi em procura do medico, e, ao chegarem á humilde vivenda, encontraram a mãe de Celina já moribunda.

A pobre orphã, abraçada ao corpo de sua mãe, não queria deixal-a, banhada em lagrimas.

Momentos depois chega um sacerdote para encommendar o corpo da morta e levaram-no para a moradia celeste.

Celina, orphã duas vezes! que infelicidade! tão joven e tão bella! disse o moço, cujo nome era Amancio.

A orphã, ao sahir o cadaver de sua mãe, teve uma syncope. Amancio levou-a para um quarto, e tratou-a com desvelos.

Quando Celina abriu os olhos deparou com a imagem de seu companheiro: aquelle que a tinha soccorrido estava a seu lado.

—Oh! meu bom amigo, meu irmão, queres dixer-me só? sem amparo n'este mundo?

—Oh! eu abandonar-te, eu, que compartilho as tuas dores; oh! não! Eu te amo!—Sim: também és amado com amor incomparavel.

Dias depois chegava um sacerdote para abençoar Celina e Amancio, na mesma casinha onde se tinha passado a triste scena.

MARILIA DE DIRCEU

12—6—1906.

MIMI

Contava Mimi seis annos de idade, formosos como um crepusculo do mez de Maio! Seus olhos e seus cabellos eram negros como ebano, suas faces, frescas como os lyrios, sua fronte, resplandecia como um lago banhado pelos raios da lua, e seus labios, rubros como os morangos. Emfim, Mimi, era bella como um sonho poetico na juventude, era a flôr da innocencia, era o encanto de seus avós! Na idade de dous annos, tinha-lhe morrido seu pae; passados dez mezos do fallecimento do autor de seus dias, ficara também privada dos afagos e caricias de sua mãe.

Entregue, aos ternos cuidados de seus avós, Mimi crescia em uma pequena casa, e ahi vivia retirada, longe das seducções do mundo! Não tinha Mimi, uma só companheira, a quem pudesse fallar de seus brinquedos: passava horas inteiras, correndo atraz das travessas borboletas, suas rivaes do deserto, na branca praia, que se estendia ao lado de sua casinha, gostava também a menina de passar algumas horas ali, apreciando as inquietas vagas, que vinham queixosas, morrer na praia, beijando seus delicados pés; outras vezes apanhava conchinhas e levava a seus avós que as recebiam em extasis de amor! A' noite, recolhia-se á casa, onde nos braços da boa velhinha, adormecia, sonhando..... sonhando estes sonhos amenos e felizes! Ficava então o recinto d'aquella casa em completo silencio. Serena e triste a Lua espargia seus raios sobre a humilde casinha e os grillos, nocturnos trovadores dos bosques, vinham embalar o somno tranquillo de Mimi. Aos primeiros alvares da aurora, levantava-se a interessante menina, e, depois de ter tomado a benção de seus avós, lá ia ella correndo, dar—o bom dia—ás suas amiguinhas borboletas, suas companheiras de travessuras!

Não se esquecendo também das que-ridas vagas, que tanto a estimulavam, ia pressurosa saudar-lhes, e, assentadi-

nha na praia, ouvia com extrema alegria, os murmurios da brisa matutina, enquanto via com satisfação os barcos, que iam e vinham, atravessando as aguas tranquillãs e azuladas do vasto mar. Voltando á casa, si por acaso, encontrava sua avósinha regando com lagrimas os sulcos do soffrimento, tratava logo de beijal-a, de acaricial-a ternamente, e a pobre velhinha, esquecendo-se immediatamente das acerbas saudades que lhe pun-giam o magoado coração, estreitando-a nos braços, dizia-lhe com meigo accento: «E's o balsamo consolador das minhas dôres!» Na verdade, Mimi era a estrella da manhã, para os dous velhos, era a flôr agreste que se abrigára n'aquelle humilde casebre, desconhecendo as illusões deste mundo enganador.

GLORIA SILVA

DESDITA

A CLEMENTINO BRITTO

Meu Deus eu sinto no meu peito fogo
Que me devora, me consome a vida.
Serão saudades de passados dias?
Tristes lembranças da mulher querida?...

Quero cantar... a minha lyra é muda;
Solução e choro mas é tudo em vão.
Meu Deus que sorte, que brutal desdita
Prende-me aos céos do cruel paixão!

Amei a virgem dos cabellos negros,
Sonhei-a bella... quiz viver feliz.
Chamou-me louco, desprezou meus cantos,
D'amor a taça ella me dar não quiz.

Desde esse instante pela terra vago
Sem ter descanso, maldizendo o mundo.
Feliz eu era, da deserença negra
Hoje m'engolpho no abysmo fundo.

Hoje vegeto, qual plantinha humilde,
Sem ter o orvalho que dá vida á flor;
Hoje maldigo desta vida os gozos
Porque mui cedo acreditei no amor...

Amor! Palavra que partiu dos labios
D'aquella ingrata que roubou-me a vida,
Em vez de flores um punhal guardavas
Que no meu peito abriu mortal ferida!

Por isso eu choro, lamentando os homens
Que loucos falam de celeste amor.
Pobres, terão como eu só tive, espinhos
Em vez das petalas da divina flor!

Amor existe, não contesto, existe
No peito augusto de u'a mãe querida.
Porém nos labios de quem jura amar-nos
Existe apenas a expressão fingida.

Deixai, creanças, desprezai, ouvi-me
Em quanto é tempo a borboleta azul;
Hoje correis por entre flores tantas
Amanhã, quem sabe, si em cruel paúl!

Ah! pobre peito já é tempo, cessa
De lamentar a tua acerba dor;
Partiu-se a lyra, a tua voz sumiu-se...
Roubou-a o anjo divinal do amor.

A. S.

São Francisco—Junho de 1906.

DESPERTA MORENA

Para cantar com a musica da modinha
Acorda Alalgiza

Desperta, Morena
Que a noite é serena,
Vem ouvir meu canto;
Vem ver as estrellas
Scintillantes, bellas,
Replectas de encanto!

Desperta querida,
Vem gosar a vida
Contemplando o céo;
Que hoje a lua veste
Qual noiva celeste
Um fúlgido véo!

Desperta donzella,
Vem ver da janella
N'um céo de saphyra,
Astros rutilantes,
Da Lua os amantes...
Dedilhando a lyra!

Desperta faceira
E ouve, prazenteira,
Tanta melodia,
Pois ao luar de prata
Uma serenata
Tem muita poesia!

Desperta, oh desperta,
Que está tudo allérta,
Ouvindo a canção...
E se tu não vens
E' que alma não tens
Nem tens coração!

Oh vem a janella,
Veloz qual gazella
Nas azas do amor...
A noite está em meio,
Mas vem sem receio,
Ouvir teu cantor!

ANASTACIO MENDES

Florianopolis—1906.

ESPERANÇA

A S. DUTRA

«A esperança é companheira fiel: nasce e morre com o homem.»

Esperança! Tu és a Estrella radiosa que scintillas luminosamente no céo azul de minha existencia; és o fanal refulgente a reverberar doiradamente o roseo arrebol de minhas doces e castas illusões; és o mimoso crystal que, através á sua diaphaneidade brilhante, vejo assomar sumptuoso no trajectorio horizonte de minha vila um venturoso porvir.

Esperança! E's ainda o perfume inebriante de um jardim florido que aromatiza delectavelmente a caida atmosphera de minha alma; és o «balsamo suavizador» e benévolo que serenamente vens refrigerar as magoas sentidas que se occultam até nas mais incognitas fibras de meu compungido coração!

Esperança! E's bella! Eu te idealiso...

Oh! sim, és «suave... suave como o raio do sol que visita a masmorra do preso, suave como o murmurio da agua no deserto, meiga como o primeiro sorriso da mulher que se ama, doce como o crystallino orvalho que fertilisa as plantinhas debeis das campinas bellas!

E's tambem, oh! Esperança, a sacrosanta Imagem que nos momentos dolorosos de lugubres cogitações, eu «constricto e cheio de fé» imploro, rendendo-te um culto portentoso de sublime grandeza...

Esperança! E's bella! Eu te idealiso...

NIVA.

Junho—1906.

RECORDAÇÕES

AO AMIGO ALCYDES T. DE SOUZA

Decylas alegre corria pelas campinas verdejantes que se estendiam como mantos esmeraldinos enfrente a sua alva casinha de propriedade de seu extremoso pae: casinha esta adquirida com os trabalhos incessantes da vida de advogado em que pudera reunir um peculio para garantir o futuro e o agasalho de seus queridos filhos.

E assim todos os dias Decylas descuidoso da sorte brincava e saltitava de contente em torno dos que lhe eram caros.

Uma noite, seu pae (o deputado Notilento) em conversação familiar, prevenira que breve partiria para a cidade do Rio de Janeiro, afim de tomar parte na campanha gloriosa do progresso da Patria: — O Parlamento.

Foi neste scenario de trabalhos que honram o nome e a memoria dos que nelle tomam parte; que o pae carinhoso de Decylas aureolou o seu glórioso nome.

Passavam-se os annos.

A infame enfermidade, (que tudo extermina) vendo a carreira brilhante em que segnia o deputado Notilento, e a familia numerosa a educar e sustentar, penetrou no organismo do infeliz ser humano.

Notilento sentindo que sua vida corria perigo e aconselhado pelos medicos, resolveu partir para sua terra natal; terra que amava com todas as forças de seu coração; pela qual daria o seu proprio sangue por um caso d'affronta, vel-a desaffrontada e onde em pequenino dera os primeiros passos e pronunciara as primeiras palavras.

Por isso Notilento resolvera morrer no seu torrão natal, rodeado dos entes a quem mais amava neste mundo.

Assim aconteceu.

Depois de ter aqui chegado Notilento falleceu.

Foi nesta occasião, com o coração cortado de dor, com a garganta fechada pelo pranto e os olhos rasos de lagrimas que Decylas recordava-se dos tempos passados. Oh! como fóra feliz naquelle tempo; feliz porque via-se rodeado por todos aquelles que elle mais amava.

E agora depois da immensa infelicidade que o perseguia só lhe restava a resignação.

E fóra por meio deste balsamo confortativo da humanidade que resolvera ter bastante coragem para jamais esquecer-se daquelle que lhe dera as primeiras noções e o exemplo do bem

GIRA

Florianopolis,—12--6—1906.

PHANTASIA

Uma tarde em que a brisa fagueira sacudia de leve a frança do arvoredado, n'uma palmeira esguia que se ostentava bella á margem de um regato, desprendia terno e sonoro canto o mavioso sabiá!

No bosque, só se ouvia o cicio monotono das arvores e ruido das aguas que, mansamente, deslisavam...

Os ultimos lampejos dos raios vivificantes de Apollo, scintillavam ainda no alto da magestosa collina...

Na campina, onde um solitario mancebo procurava refrigerio para sua alma torturada pela ingratição da mulher a quem conagrara todo o seu affecto, ouvia-se ainda o cantor mavioso desferir seu canto.

De subito, o detonar de um tiro, enjo echo vae, de quebrada em quebrada, alarmando os habitantes das matas, põe termo ao harmonioso contico do sabiá!

N'uma aberta da matta apparece o caçador, trazendo ainda arquejante o mimoso cantor da floresta!...

Mergulha-se o Sol no occaso e a noite com seu negro manto, envolve a terra: tudo é silencio, tudo é trevas!...

P. GRAÇA

CLUB D. DA JUVENTUDE

Este sympathico Club realisou hontem, nos salões do Club 16 de Abril, um baile que esteve animadissimo.

A' directoria do gentil Club da Juventude agradecemos as atencões dispensadas ao nosso representante.

A POBREZA

A J. DUTRA

De um lado vê-se a opulencia com todo o seu esplendor; do outro lado, a pobreza banhada em lagrimas de agonia; enquanto nos vastos salões da pobreza os fidalgos gosam a felicidade cheia de encanto e poesia, a pobreza chora no meio das trevas, sem ter um pedaço de pão para matar a fome nem um manto para cobrir as carnes no rigor do inverno. Ali vê-se um palacio todo illuminado; onde trocam-se palavras de impuro amor e muitas vezes zomba-se do desgraçado que pede uma esmola. Aqui vê-se os pobres no meio das trevas; sem ter um coração que se compadeça d'essas victimas que o destino leva ao leito da morte.

Este mundo é um conjunto de illusões fataes: enquanto uns gosam no meio da grandeza e do luxo, outros passam uma vida de tormentos, sem terem um coração que lhes leve o balsamo sacrosanto do carinho.

PROTHENOR PIRES

Florianopolis.

O nosso collega A PATRIA, de S. Francisco, está transcrevendo o conto «Morta!» da nossa distincta e intelligente collaboradora que se occulta com o pseudonimo de Nerina e publicado no 3.º numero deste jornal.

CORRESPONDENCIA

P. GRAÇA.—Começaremos, no proximo numero, a publicar o seu bello conto *Na roça*.

D. N.—O seu soneto *Flores d'Alma*, permitta-nos a franqueza, está mau, razão pela qual não será publicado. O mesmo não dizemos da poesia *Ave Maria*... que com alguns retoques poderá ser publicada no numero seguinte. Comtudo aconselhamos-lhe conversar mais amindadamente com João Ribeiro e ter mais cuidado na metrificação.

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE JUNHO)

Charadas novissimas

Ao SR. G. DE BRUXELLAS

A planta com a variação, produz tecido brasileiro—2, 1.

Ao BARÃO DE LUBERDEN

A espada corta o tecido da flôr—3, 1.

Jacy

A bola do God'Oliva cahio no abysmo—2, 1.

Dois e dois quatro. Presta attenção—1, 1 1/2, 1/2.

Decylas

O homem achou pessima a mari-nhagem—1, 1.

(AOS PRINCIPIANTES)

Tira um pedaço, ou uma porção da

planta—2, 2 e planta a planta que nasce planta—2, 2.

Jão

Ao GALBA (em retribuição)

A chuva miuda, que dá lá na China, é tão forte como a nossa chuva de pedra—2, 1.

G. de Bruxellas

Ao Jão

O homem de deputado tornou-se passaro—1, 1.

Galba

O filho da rainha ficava alegre quando passava a tropa—3, 2.

Um casto aperto—1, 2.

Alecan

Ao DENTICE JUNIOR

Limite o reptil na pedra—2, 1.

Andiro

(APHEREZADAS)

3—Na caixa prendi o animal—2.

Adnon

3—Fste coqueiro foi agarrado por vinte mãos—2.

Apollo

(APOCOPADA)

2—O animal tem instrumento—1.

(BIZADA)

Ao ANDIRO (em retribuição)

3—O bordão já veio; e a vasilha?—2.

G. de Bruxellas

(AUXILIARES)

Lé—afirmação

Caz—peixe

Te—instrumento

Ro—serra

Pa—caverna

Ave.

Celia

Ao LEONEL

Lá—interjeição

Tho—bastardo

Ga—cidade

Bão—rio

To—bosque

Bra—embarcação

Mulher.

Galba

Ao GALBA

Fia—peixe

Uva—planta

Gua—rio

Caro—planta

Mulher.

Adnon

Dade—fazenda

Ção—citação

Bo—gentileza

Musco—tecido

Mulher.

Decylas

Enigma

Ao NROPHYTO

Tecido de peneira!—2.

Galba

Logogriphos

Valente homem de remotas eras, 11,10,11,4,12
Poeta illustre, conhecido auctor, 1,7,3,4,5,6,2
Das lettras patrias mensageiro nobre, 8,9,10,5,6,2
Cantou poemas com subido ardor. 16,15,6,8,8,4
Das lettras patrias protector instigne, 11,9,3,6,5,7
Cantou poemas com subido ardor. 16,13,7,13,11,14,4,17
Excelso homem de saber profundo, 13,4,15,11
Poeta illustre, conhecido auctor.

G. de Bruxellas

Ao G. DE BRUXELLAS

Passaro 8-11-1-2-10-3-2-8

Passaro 11-3-2-9-3-7-8

Passaro 5-6-4-6-2-3-8

Passaro 5-3-2-5-3-8

Passaro 5-8-1-10-1-10

Passaro 1-3-8-5-8

Passaro 11-3-1-1-6

Passaro 11-6-3-2-2-6

Passaro.

Jão

(TELEGRAMMAS)

Ao Galba

1, 2, 3, 4

5, 6, 7, 8

A bebida será ave?

1, 2, 3, 4

5, 6, 7, 8

Jacy

Ao IRINEU

1, 5, 3, 6, 2

1, 5, 6, 3, 4

1, 5, 8, 6, 7

Andiro

Ao ANDIRO

1, 6, 3, 8, 7

9, 2, 7, 4, 5

Na arvore pouosa a ave

1, 6, 3, 8, 7

9, 2, 7, 4, 5

Adnon

Decifrações

As decifrações do n.º 5: Polydamas, Cadimo, Tinamu, Floromania, Odometro, Cavial, Aguapa, Cerceta, Malaen, Felino, Agape, Alara-ara, Alba-baal, Uba-abu, Roupão-pão, Mono-nó, Guilôa-lôa, Prestino-tino, Narbona-bona, Cajuri-caju, Negroponto, Maria Julia Franco, Chicabequelababa, Musica, e Tamara.

Decifraram: Celia, Adnon, Jão e Leonel, 25 cada um; G. de Bruxellas, 24.